

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO
DIÁRIOS VOLUME 1
DA 1995-1996
PRESIDÊNCIA



COMPANHIA DAS LETRAS

SUMÁRIO

Apresentação | 11

Lista de siglas | 17

1995

25 DE DEZEMBRO DE 1994

A formação do ministério | 25

30 DE JANEIRO A 5 DE FEVEREIRO DE 1995

Os primeiros dias. O seminário do Torto. A coordenação dos ministros | 48

INÍCIO DE FEVEREIRO A 19 DE FEVEREIRO DE 1995

Problemas na Comunicação. Reformas constitucionais. Agricultura | 57

19 DE FEVEREIRO DE 1995

*Liderança no Congresso. Pressões externas:
a questão mexicana, câmbio e Argentina* | 66

22 DE FEVEREIRO DE 1995

Questão agrária. Comunidade Solidária. Câmbio | 74

26 DE FEVEREIRO A 16 DE MARÇO DE 1995

Itamar, telecomunicações, bancos. Viagem ao Chile, banda cambial | 82

20 A 25 DE MARÇO DE 1995

*Repercussões da questão cambial. Gestão da equipe econômica.
Reforma administrativa: discussões iniciais* | 100

29 DE MARÇO A 14 DE ABRIL DE 1995

Questões regionais. Relações bilaterais. Fundo secreto na Aeronáutica | 110

14 DE ABRIL A 1º DE MAIO DE 1995

Viagem aos Estados Unidos. Crise no Banco Central | 119

1º A 12 DE MAIO DE 1995

A área social | 128

15 A 21 DE MAIO DE 1995

Crimes da ditadura. A questão agrária. Sivam | 137

21 A 30 DE MAIO DE 1995

A greve dos petroleiros. Ainda a TR. A batalha das reformas continua | 146

30 DE MAIO A 22 DE JUNHO DE 1995

Ainda os petroleiros. Rusgas com Mário Covas | 154

22 DE JUNHO A 8 DE JULHO DE 1995

Davos. Crise com a Argentina | 163

- 10 A 29 DE JULHO DE 1995
Mísseis. Taxa de juros | 174
- 30 DE JULHO A 11 DE AGOSTO DE 1995
Demarcação de territórios indígenas. Desaparecidos políticos. Viagem ao Uruguai (Mercosul) | 184
- 11 DE AGOSTO A 4 DE SETEMBRO DE 1995
Rusgas entre Gustavo Franco e José Serra. A crise do Banco Econômico. Endurecimento do MST | 198
- 7 A 22 DE SETEMBRO DE 1995
Os Sem Terra apertam o cerco. Crise bancária se aprofunda. Viagem à Europa | 238
- 23 A 28 DE SETEMBRO DE 1995
Discordâncias entre Serra e Malan. Juros | 248
- 30 DE SETEMBRO A 6 DE OUTUBRO DE 1995
PMDB. Reforma administrativa | 258
- 9 A 25 DE OUTUBRO DE 1995
Mudança de comando no BNDES. Visita de Hillary Clinton. Fundo Social de Emergência | 268
- 25 DE OUTUBRO A 8 DE NOVEMBRO DE 1995
Crise bancária: Nacional e Bamerindus. Vitória na reforma administrativa. Visita aos Estados Unidos | 277
- 12 A 16 DE NOVEMBRO DE 1995
Debates sobre controle fiscal. Encontro do G-15. Estouro do caso Sivam. Impasse sobre o Banco Nacional | 298
- 16 A 23 DE NOVEMBRO DE 1995
Definição da sorte do Banco Nacional. Desdobramentos do caso Sivam. Queda do brigadeiro Gandra e de Júlio César Gomes dos Santos | 308
- 23 A 25 DE NOVEMBRO DE 1995
Ainda o caso Sivam. Crise no núcleo duro do governo. Queda de Xico Graziano | 318
- 28 DE NOVEMBRO A 6 DE DEZEMBRO DE 1995
A Pasta Rosa. Desgaste com a imprensa. Ainda a crise Sivam | 328
- 7 A 14 DE DEZEMBRO DE 1995
Ainda a Pasta Rosa. Viagem à China. Emendas constitucionais | 339
- 14 A 23 DE DEZEMBRO DE 1995
Crise na Aeronáutica. Atritos entre Antônio Carlos Magalhães e diretores do Banco Central | 349
- 23 A 31 DE DEZEMBRO DE 1995
Desentendimentos com Luís Eduardo Magalhães. O ano termina. Natal em família | 359

1996

1º A 5 DE JANEIRO DE 1996

De volta a Brasília. Discussões sobre os rumos da economia e do governo. Maluf, obstáculo à aprovação da reeleição | 387

7 A 16 DE JANEIRO DE 1996

Melhora nas relações com Sarney. As “tripas da República”. Acordo com as centrais sindicais sobre a reforma da Previdência | 401

18 DE JANEIRO A 1º DE FEVEREIRO DE 1996

Visita a Petrópolis. Viagem à Índia, Espanha e Itália | 420

2 A 7 DE FEVEREIRO DE 1996

O MST e a questão agrária. Crise no Banco do Brasil. Ainda a reforma da Previdência | 439

10 A 21 DE FEVEREIRO DE 1996

Questão sindical. Guerra fiscal | 449

22 DE FEVEREIRO A 5 DE MARÇO DE 1996

Viagem ao México. Novas perspectivas para o Mercosul | 458

8 A 17 DE MARÇO DE 1996

Articulação política para as reformas. Reflexões sobre o processo de modernização. Viagem ao Japão | 477

19 A 26 DE MARÇO DE 1996

Estados Unidos: negociação de tarifas. Crise com Sarney. A definição da CPI dos bancos. Composição partidária: PPB e PMDB | 494

27 DE MARÇO A 11 DE ABRIL DE 1996

Relação com a imprensa. Reflexões sobre a reforma do Estado. Viagem ao Nordeste | 514

15 A 23 DE ABRIL DE 1996

Sarney e Itamar. Encontro com a classe artística. O Massacre de Eldorado dos Carajás | 533

25 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 1996

Pressões do PPB para apoio às reformas. Queda de Dorothea Werneck. Nomeação de Luís Carlos Santos para a coordenação política. O MST | 555

5 A 12 DE MAIO DE 1996

Candidatura Serra à prefeitura de São Paulo. Negociações com líderes sindicais. Invasão do gabinete de Malan por grevistas | 572

14 A 21 DE MAIO DE 1996

Previdência. Telefonia celular. Banco Bamerindus | 580

22 DE MAIO A 8 DE JUNHO DE 1996

Candidatura Serra à prefeitura de São Paulo ganha corpo.

Viagem à França. Definição de candidaturas estaduais | 593

10 A 23 DE JUNHO DE 1996

Tentativa de reconciliação com a imprensa.

Avanços nas negociações sobre Emenda da reeleição.

Dificuldades na Reforma Agrária | 618

24 DE JUNHO A 23 DE JULHO DE 1996

Viagem à Argentina. A reabertura do caso Lamarca.

Agrava-se a situação do Bamerindus.

Negociação da CPMF | 637

25 DE JULHO A 15 DE AGOSTO DE 1996

Aprovação da CPMF. Caso Lamarca. Campanhas municipais | 667

16 DE AGOSTO A 11 DE SETEMBRO DE 1996

Articulações com Sarney. Reformas na Educação.

Reflexão sobre novos caminhos para o governo | 700

12 DE SETEMBRO A 1º DE OUTUBRO DE 1996

Globalização e OMC. Discussões sobre reeleição ganham vulto.

Visita de Helmut Kohl | 741

2 A 8 DE OUTUBRO DE 1996

Eleições municipais | 773

10 A 24 DE OUTUBRO DE 1996

Negociações partidárias (PPB) para a emenda da reeleição.

Reflexões sobre o governo Collor. Tensão entre PFL e PMDB | 783

26 DE OUTUBRO A 4 DE NOVEMBRO DE 1996

Discussões sobre a privatização da Vale | 804

5 A 13 DE NOVEMBRO DE 1996

Demissão de Adib Jatene. Conversas com o primeiro-ministro da China.

Cúpula Ibero-Americana no Chile | 812

14 A 29 DE NOVEMBRO DE 1996

Escândalo dos precatórios. Segundo turno das eleições municipais.

Rixas entre Motta e Maluf. Encontro com Itamar.

Viagem a Angola e África do Sul | 826

3 A 12 DE DEZEMBRO DE 1996

CPI dos precatórios. O novo ministro da Saúde.

Congresso inquieto: eleições da Câmara, do Senado e reeleição | 849

16 A 23 DE DEZEMBRO DE 1996

Reunião da cúpula do Mercosul.

O impasse da venda do Bamerindus.

Votação para a reeleição | 868

25 A 30 DE DEZEMBRO DE 1996

Reflexões sobre política, reeleição.

Leituras e descanso no fim do ano | 881

Índice remissivo | 887

Sobre o autor | 931

APRESENTAÇÃO

Estes *Diários* foram gravados, eu não os escrevi. Como conto adiante, suscitado por uma amiga a fazê-los, percebi que o dia a dia da Presidência no Brasil (não sei se não é assim em todo canto) não me permitiria o folgar necessário para pegar a caneta, ou melhor, o computador, ao qual eu mal começara a me ajustar, e escrever. A inevitável aspiração a uma escrita mais bem cuidada iria me torturar, e eu não teria tempo para realizar o objetivo a que me propusera.

Resolvi então gravar o que ocorria e fazer, de vez em quando, comentários de natureza mais reflexiva. Não fiz isso diariamente, tentava recordar a cada dois ou três dias, geralmente à noite, o que acontecera nos dias anteriores. O gravador tornou-se meu padre confessor ou, quem sabe, à falta de um psicanalista que nunca tive, o médico de minha alma. Nele, eu desabafava.

Só fui ver o resultado das gravações alguns anos depois de haver deixado as funções presidenciais. Até então apenas uma pessoa, dedicadíssima, a quem muito devo nos mais de quarenta anos de trabalho comigo, teve a pachorra de escutá-las e transcrevê-las: Danielle Ardaillon. Até hoje só ela escutou os oito anos e fez o que pôde para tornar letra escrita o que eu falava, nem sempre pronunciando com clareza, ainda mais com as imperfeições de gravadores precários manejados por operador de baixíssima competência tecnológica.

Recordo que num dos curtos períodos que passei na Universidade Brown, provavelmente em 2005, levei comigo um pen drive, com o propósito de começar a revisar os textos. Foi a única vez, antes de resolver que os publicaria, que ouvi e li trechos do que gravara. Não tendo cumprido inteiramente a tarefa, levei o pen drive dos Estados Unidos para a Espanha, onde viajaria de Madri ao País Basco em passeio com a Ruth. Ao sair do hotel em que estávamos em Madri, alguém roubou do porta-malas do carro a pasta com os passaportes, pouco dinheiro e... o pen drive. É a primeira vez que conto essa história, mas o certo é que Ruth e eu levamos tempos aflitos: e se o ladrão descobrisse as gravações? De posse do passaporte, inútil para ele porque diplomático e mencionando a qualificação de ex-presidente, chegaria ao autor das falas. Poderia vendê-las ou sabe lá o que mais fazer. Passaram-se anos e nada. Deve ter jogado o pen drive no lixo...

Agora, que decidi publicar ainda em vida informações que foram ditadas para depois da morte, fico me perguntando se o destino daquele pen drive não me daria maior sossego do que a decisão de mostrar aos leitores o que eu registrava, como reagia às pressões do cotidiano, como as coisas se apresentavam a mim, como julgava amigos e adversários, como meus pontos de vista variavam.

Além do mais, mesmo que as anotações não tivessem esse propósito, elas

abrem frestas para chegar a meus sentimentos, coisa que em geral procuro manter à margem. Por que então, meu Deus, resolvi tornar públicos estes diários?

Talvez porque quisesse desfrutar do prazer e dos incômodos de ver as reações, talvez porque ache que, passados mais de doze anos do exercício da Presidência, não se justifique deixar trancadas, não diria informações (quase todas são conhecidas), mas descrições e visões de como se desenrola o processo de governar. Ele é sofrido, como o leitor já verá, quando quem o detém, além da natural vontade de manter o poder, possui a preocupação, obsessiva, de transformar, de reformar práticas e instituições enraizadas em interesses e sancionadas por nossa cultura política.

Talvez também tenha resolvido publicar os *Diários* pela similitude que possa haver entre as dificuldades que estamos atravessando e aquelas que enfrentei. Fazíamos, então, um esforço enorme para ajustar o país à democracia e adequar a economia às transformações de um mercado que se globalizara, num contexto em que o peso da dívida social é enorme. Hoje, as dificuldades de governar são as de sempre, mas os objetivos são menos os de adaptar o país à modernização política e econômica e mais os de seguir caminhos de política econômica e de hegemonia partidária que não parecem levar a bom rumo.

Devo admitir, também, que não me contive ao ver a massa de informações que podem servir à análise de nossa política e de nossos costumes. Quis mostrar que em algumas ocasiões eu me antecipara ao que aconteceria, embora nem sempre conhecer seja poder. Frequentemente não consegui debelar na ação o que sabia necessário.

Também quis mostrar o infundado de muitas apreciações sobre meu governo, sobretudo quanto a acusações que se repetem e cujas versões, se não são as únicas, aparecem no livro tal como delas tomei conhecimento e como a elas reagi. A natureza imediata e espontânea das gravações permite avaliar melhor o que aconteceu, sem justificativas posteriores.

Os *Diários* mostram como minha apreciação sobre as pessoas variou no transcorrer do tempo. Posso ter sido injusto com amigos e adversários. Mudei de opinião sobre alguns deles. Nem sempre o que era meu sentimento em um momento o foi no outro. Decidi não omitir minhas próprias vacilações, dúvidas e contradições. Peço desculpas, de antemão, sobretudo aos que tanto me ajudaram a governar e aos amigos, em geral mais presentes nos textos do que os eventuais adversários, pois gravava sobre meu cotidiano, por sorte mais povoado por colaboradores e amigos do que por adversários.

Mesmo no caso destes, sou às vezes injusto ou exagero ao julgar pessoas de partidos distintos do meu, contrárias às minhas políticas ou, às vezes, defensoras de partes delas. Ao sabor do momento mostrava minha irritação ou a sensação de estar sendo “traído”. Alguns dos que critiquei asperamente se tornaram amigos e o são até hoje.

Mudei de opinião sobre decisões tomadas, como se verá pela leitura do livro. Às vezes não eram os sentimentos que mudavam, mas a situação política. Por exemplo,

o caso da reeleição. Embora desde a Constituinte eu tivesse sido favorável à sua instituição, julguei a princípio, logo que o tema entrou na agenda — já havia sido apresentada pelo deputado Mendonça Filho, do PFL-PE, a emenda que autorizava a reeleição —, que para mim ela seria antes prejudicial do que positiva. Minha família não parecia estimulada com minha permanência no governo por mais quatro anos e eu estava cansado de tantos aborrecimentos. Politicamente era constrangedor autorizar minha própria reeleição. Preferiria, a ser levada adiante a decisão, um tipo qualquer de consulta popular, a que os partidos que me apoiavam se opunham.

Convenci-me de que uma vantagem havia, desde logo, com a aprovação da emenda, pois haveria a hipótese de eu ser candidato, o que, dada minha força eleitoral na época, inibiria candidaturas prematuras que já rondavam em 1996 e que, se consolidadas, diminuiriam minhas chances de aprovar as reformas que julgava necessárias para o país.

De mais a mais, na Revisão Constitucional de 1993 houve a decisão de alterar o mandato que a Constituinte fixara em cinco anos, reduzindo-o para quatro com uma reeleição. Houve delongas, esgotou-se o prazo para votar a reeleição, ficamos com os quatro anos apenas, o que parecia ser insuficiente para que um governo fizesse obra de mais vulto. Colocada a questão da reeleição na agenda do Congresso, entre 1996 e 1997 as coisas mudaram de figura: era ganhar ou ganhar... é a regra do jogo político (quanto à alegada compra de votos, deixemos para o próximo volume, quando o tema deve aparecer).

Assim como nesse caso, há no livro o registro de como tomei conhecimento do que veio a ser considerado o “escândalo” do Sivam, ou o caso da Pasta Rosa, cuja leitura evidencia o ridículo de me atribuir qualquer malfeito.

Afora esses e outros pormenores da “pequena política”, há análises reiterativas das relações entre a mídia e o poder. Transparece minha reação, frequentemente excessiva, de alguém que, embora compreendendo e aceitando o papel que a mídia possui de antecipar erros e fazer denúncias, não deixava de extravasar irritação pelo que, do ângulo subjetivo, pareciam ser exageros ou injustiças.

Outros casos, como o do Proer e suas repercussões na liquidação do Banco Econômico, do Nacional ou do Bamerindus, surgem na forma como eu os fui percebendo e no modo como agi.

Tão interessante quanto essas questões, na época de enorme repercussão e ainda hoje objeto de exploração político-eleitoral, se depreende da leitura dos *Diários* o intrincado jogo do poder: o desgaste na relação do presidente com os partidos, o jogo muitas vezes clientelístico, do qual o presidente, mesmo resistindo, não escapa. Se o Executivo quiser obter maioria para aprovar as leis num sistema partidário-eleitoral que elege o chefe do Executivo com mais de 50% dos votos (no primeiro turno, no meu caso; no segundo, no caso dos demais presidentes) mas cujo partido beira apenas os 20% do Congresso, as alianças se impõem.

Para fazer reformas ou ter uma agenda qualquer, o partido que elege o